



Por todos os lados – a inserção das imagens de vigilância na mídia¹

Íris Marinelli Pedini²

João Barreto da Fonseca³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO

Este trabalho é uma investigação sobre a utilização das imagens de dispositivos eletrônicos de vigilância tais como câmeras de vigilância, aparelhos celulares e webcams na mídia televisiva, notadamente no programa Fantástico, da Rede Globo. Como a dinâmica das imagens de vigilância se transformou e conseguiu espaço na mídia profissional e na internet. Além disso, irá discursar sobre as conseqüências da popularização desses dispositivos, como os celulares que capturam imagens e agora têm multiplicidade de funções.

PALAVRAS-CHAVE: Vigilância; comunicação; dispositivos eletrônicos; televisão.

1. Aspectos das práticas de vigilância

Por todos os lados, todos os dias, somos submetidos à vigilância. Constantemente, estamos suscetíveis a câmeras de segurança. Até mesmo os celulares, dispositivos criados para facilitar a comunicação entre as pessoas, se tornaram instrumentos poderosos que nos vigiam a todo instante, esperando pelo flagrante. Além disso, as webcams, que também se tornaram objetos de fácil acesso, possibilitaram a expansão das práticas de vigilância entre todos os cidadãos.

As mesmas tecnologias que ampliam as possibilidades de emissão, acesso e distribuição de informação tornam-se instrumentos de vigilância e controle. As mesmas tecnologias que possibilitam o anonimato nas trocas sociais e comunicacionais mostram eficientes instrumentos de identificação. (BRUNO, 2006).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Íris Marinelli Pedini é graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais e participante do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC), aprovado pelo CNPq/UFSJ.

³ João Barreto da Fonseca é jornalista e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na linha de Tecnologias e Estéticas da comunicação.



A situação reverbera novas condições de apreensão e vigilância. Um dos primeiros efeitos desse sistema foram sentidos nos casos de babás, flagradas agredindo crianças. Também tivemos a moda das *videocacetadas*, que invadiram vários programas com vídeos caseiros. As imagens tanto de entretenimento quanto de vigilância se tornaram a sensação do jornalismo, tanto que é impossível hoje se prescindir delas. As cenas mais destoantes do real, ou assim interpretadas, vão parar no *Fantástico*, da Rede Globo, cuja lógica faz destacar o caráter extraordinário das imagens do cotidiano.

1.2 A produção e a troca das imagens

Agora, várias imagens são produzidas diariamente – prática que se tornou mais comum com a popularização dos dispositivos. A produção das imagens foi descentralizada. Os brinquedos estão disponíveis e possuem ferramentas que possibilitam transformar o processo de comunicação em hábitos de vigilância. As tecnologias contemporâneas esgarçam as fronteiras das imagens antes proibidas (como no caso da exibição do enforcamento de Saddam Hussein), alterando as condições de aceitação. Karl Marx chamou as máquinas de brinquedos¹ e o ser humano de *toolmaking animal* (o animal que produz ferramentas). A dedicação à brincadeira é o gatilho da produção de narrativas e da ampliação do registro de imagens antes censuradas, o que pressupõe uma revisão de alguns tabus, devido à disponibilidade e possibilidade de captação de cenas do mundo, que reconfiguram os campos possíveis de atuação.

A cena extraída de um fluxo de imagens (e transmitida) de câmeras de vigilância ou aparelhos celulares funciona como um recorte em movimento, que teria um atrativo a

¹ A concepção marxista dos meios de trabalho impregnou o estudo dos artefatos, paramentos e máquinas, encontrando ecos na teoria da materialidade de Hans Ulrich Grumbrecht e na teoria da preponderância dos programas das máquinas de Vilém Flusser. Embora Marx não tenha se detido aos sentidos, a conexão homem-máquina é descrita como irrevogável. Marx conferia aos meios de trabalho a mesma importância que a estrutura fóssil para o conhecimento das organizações das espécies desaparecidas. Os registros, no entanto, constituem-se em pistas para estudos futuros. Para Marx, “os meios de trabalho não são só medidores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humana, mas também indicadores das condições sociais nas quais se trabalha”. Em sua análise, Marx já reconhecia e estabelecia níveis sobre a relação protética com as máquinas ao conferir a elas características corporais. Cf MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Volume I, primeiro livro. Tradução: Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 151.



mais sobre as imagens corriqueiras de uma programação televisiva: além do registro conter a diferença, por carregar a marca de produto autêntico, testemunho do real que não passou pela fabricação de uma edição, contém a fluência de um diário recortado.

O antigo sistema de distribuição de informação, de um-para-todos, transformou em um modo de operação de todos-para-todos, no qual cada pólo emissor é também um pólo receptor e vice-versa. O contexto gerou o espírito *wiki* ou a produção compartilhada da notícia. Assim os olhares sobre a cidade são vários e podem apresentar intenções tanto de vigilância quanto de aspectos libidinais, policias e jornalísticos.

2. As imagens amadoras na mídia

As imagens impuras ou não profissionais fazem da experiência jornalística um exercício muito mais participativo, uma vez que sua construção se dá em rede ou em forma de fractal, compondo-se a partir de vários de vistas diferentes. As imagens passaram a produzir um efeito cada vez mais complexo, pois a partir de sua popularização, a mídia apresentou uma “flexibilidade” ética e estética, apresentam cenas de qualidade e conteúdo que, anteriormente, não passariam pela censura televisiva, principalmente no que se refere a cenas chocantes, de agressão física ou de violência que tem como consequência a morte.

As imagens das câmeras dos novos dispositivos, exibidas na televisão, são acompanhadas de uma narrativa, com várias funções. Entre elas, justificar a transmissão de algo que não é socialmente aceitável em sua apresentação estética e moral e conferir às imagens “selvagens” uma aparência administrável. As novas imagens já surgem com um novo campo de força, impondo contextos e posturas. Sua produção é tão farta que surgiram novas arenas de exibição, novos fóruns de compartilhamento e também movimentos na internet nos quais as pessoas são motivadas a enviar imagens disparadas por suas câmeras.

Essas imagens conseguiram espaço na mídia porque trazem uma carga de realidade muito forte. Além disso, essas informações, mesmo que não tenham boa qualidade, podem fazer parte do fluxo da mídia, pois têm a “desculpa” de que não são produzidas pela emissora que as veicula.



Além disso, A exibição de “imagens impuras” na TV soa como se a imagem não tivesse passado pelo filtro da técnica e fosse transmitida quando ainda tinha espontaneidade. “O processo de edição e outros mecanismos de intervenção para construção de uma linguagem tornam-se condenáveis por extraírem a seiva da imagem e sacrificarem o relato no que existe de mais selvagem” (BARRETO).

Na televisão, as imagens vêm sempre acompanhadas de legendas ou de uma narração realizada pelo profissional de imprensa. É uma tradução necessária, pois as gravações amadoras não dizem muita coisa por sua falta de qualidade. E é exatamente essa falta de qualidade que dá impressão de casualidade e urgência, dando ainda mais credibilidade àquele material.

Entre as imagens das novas câmeras e àquelas profissionais dos cinegrafistas há uma dissonância. Pode-se dizer que as câmeras dos dispositivos móveis, as câmeras de vigilância e as webcams, por estarem por toda a parte, se aproximam do real devido à tangibilidade de suas imagens, de sua proximidade com os aspectos mais banais da vida (e por que não da morte), por isso estão sempre avizinhas do crime, do assassinato, das chacinas e dos tiroteios. Enfim, estão à espreita do acidente, em busca da imagem que vai romper com o contrato social.

2.1 O Fantástico

O *Fantástico* é um exemplo de como as imagens amadoras ganharam espaço na mídia e na vida cultural da sociedade. Logo de início, a “revista eletrônica” tem dois quadros destinados exclusivamente a captações amadoras. O primeiro, “Bola Cheia e Bola Murcha”, mostra gols ocorridos durante “peladas” que as pessoas gravam e depois enviam. A cada semana, o pior e o melhor gol são escolhidos.

O segundo quadro, “Detetive Virtual”, é um pouco mais abrangente, pois exhibe vídeos que fizeram sucesso na internet e os “investiga”, procurando alguma mentira ou manipulação de imagem. Este segundo exemplo, em especial, retrata outro meio no qual as imagens amadoras são divulgadas: a web. Esse espaço é ainda mais aberto, pois os próprios produtores podem postá-las ali. Para Fernanda Bruno, na internet, as imagens não se destinam a nenhum público especial e se divulgam sem maiores interesses.



Para analisar de forma mais abrangente, pode-se selecionar uma matéria do Fantástico como exemplo. Em 22 de agosto de 2010, o programa exibiu uma matéria sobre um tiroteio em uma área nobre do Rio de Janeiro. Durante o acontecimento, não existiam equipes de filmagem nem jornalistas. Mas os moradores dos prédios próximos filmaram todo o acontecimento com seus dispositivos, dando credibilidade à matéria. E por contar com a participação de várias pessoas, muitos pontos de vista foram considerados, ampliando os poderes de observação e a fidelidade em relação ao acontecimento. Uma visão em rede substituiu a visão única – a visão oficial das emissoras de TV. Assim, esse tipo de acontecimento está dentro da previsão do que Pierre Lévy considera inteligência coletiva: a produção de conteúdo de matizes variados de forma colaborativa. Para Lévy, Inteligência Coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo e deve ser entendida como na expressão “trabalhar em comum acordo”. O compartilhamento está dentro do que o teórico considera experiência do saber:

Toda atividade, todo ato de comunicação, toda relação humana implica um aprendizado. Pelas competências e conhecimentos que envolve, um percurso de vida pode alimentar um circuito de troca, alimentar uma sociabilidade de saber” (LÉVY, 1994, p. 27).

Os telespectadores da Rede Globo aprenderam algo sobre notícia nesses anos todos de dominação da emissora. As imagens se ajustam perfeitamente à programação. Dessa forma, os cinegrafistas amadores devolvem o saber, compartilhando o que aprenderam, graças aos dispositivos popularizados que possibilitam esse tipo de relação. De maneira pessimista, Baudrillard acredita que as imagens produzidas pela e para a televisão são encenação da ficção como ficção, puro clichê, o que ele chama de *telemorfose*.

Pierre Lévy vai longe, em direção oposta. Para o autor, o novo espaço de saber, o ciberespaço, é também um espaço antropológico aberto à partilha. A novidade, segundo afirma, reside na velocidade de evolução dos saberes, na participação da massa convocada a contribuir e nas ferramentas. Tudo isso junto pode fazer surgir “paisagens inéditas e distintas, identidades singulares, específicas desse espaço, novas figuras sócio-históricas” (1994, P. 24)

Os cinegrafistas amadores acompanharam todo o movimento dos traficantes e policiais que atiravam sem parar. Ao final da avenida, onde tudo acontecia, havia um hotel e os traficantes entraram e fizeram dos hóspedes, reféns. Até isso foi capturado. Um ponto curioso da reportagem foi o mapa que a emissora disponibilizou para que o



telespectador visualizasse a movimentação: uma reprodução do Google Earth, produtor de imagens via satélite muito utilizado em computadores pessoais. É dessa forma que podemos ver como a necessidade do olhar se mostrou clara, buscando todos os meios para a visualização, situação que torna a figura da rede muito mais evidente.

André Parente, um pouco menos otimista que Lévy, argumenta que as novas tecnologias impulsionam novas formas de pensamento, a notar pelos termos utilizados para se referir ao nosso tempo: “era da informação”, “era do simulacro”, “era do virtual”, “sociedade de controle”. Para Parente, esse tipo de intervenção popular como no *Fantástico* vai se tornar cada vez mais comum, por se tratar de uma condição da vida contemporânea e seus dispositivos:

As redes tornaram-se ao mesmo tempo uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e de informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial (PARENTE, 2004, p. 92).

O pouco que cada um sabe é suficiente para se disparar o fenômeno da rede, devido à especialização (e espacialização) dos saberes. Tudo é passível de circulação. “A infosfera é hoje parte de nossa “vida real” – o que torna o comentário sobre ela tão natural quanto o comentário sobre o tempo” (JOHNSON, 2001, P. 26)

Junta-se à fácil condição de produção, a característica de uma era de interface, que significa a passagem veloz de um sistema a outro. As notícias são mais sensíveis à captura por pertencerem a um mundo em que as coisas são transformadas em bits e disponibilizadas para circulação. A tradução de imagens em notícias não precisa mais de espaços legitimadores como redações de jornais. Elas saem diretamente para o grande espaço da internet.

Outro fenômeno interessante da mesma reportagem é quando um morador, produzindo sua imagem, diz: “O IPTU mais caro do mundo e é isso que eu ganho”. Com essa fala, ele quis fazer parte daquilo, ser produtor e ao mesmo tempo ator – fez, inclusive, sua crítica que seria levada ao meio televisivo. Ao final da matéria, algumas imagens feitas pela polícia são mostradas com os traficantes sendo presos e vem a informação de que o acesso às câmeras de monitoramento dos condomínios já havia sido requerido. Apesar do medo generalizado, muitas pessoas fizeram tomadas de seus celulares. Isso porque tanto a visão quando a audição, por operarem à distância, são sentidos eficazes na



vigilância assim como também na caça. Num mundo cheio de violência, boa parte das ações humanas são estratégias para se evitar a morte. “Visão e audição são os sentidos distais” ou da distância, pois operam longe de seus objetos e não requerem comércio físico com eles. Essa distância permite uma vantagem epistêmica, e a visão e a audição são tipicamente projetadas ao topo da hierarquia por causa de sua importância para obter conhecimento do mundo ao redor e comunicar esse conhecimento aos outros. “Como ambas exigem uma separação entre o corpo do indivíduo que percebe e o objeto da percepção, a visão e a audição também são menos envolvidas com a sensação física”. (KORSMEYER, 2005, P. 79)

3. A popularização da vigilância

Agora, nós somos o alvo da vigilância. O olho eletrônico tornou esse olhar muito mais remoto. O que antes era direcionado a pessoas públicas ou celebridades passou a ser utilizado para tudo e todos. Temos o “privilegio” de ter nossas informações roubadas para nos tornarmos consumidores em potencial e ao mesmo tempo, o modo como agimos nos torna suspeitos em potencial. Vivemos cercados pelo excesso de olhares.

Nesse contexto, Michel Foucault coloca em discussão um dispositivo criado pelo inglês Jeremy Bentham: o panóptico. Este seria uma forma de vigiar presos em uma penitenciária – por exemplo – sem que o vigia fosse visto. A ideia que daí é extraída é a de que o vigia representa um poder invisível que domestica a sociedade (os presos). Tanto se utilizando da punição quanto da recompensa, aquele olhar latente sujeita o indivíduo, que se torna escravo dócil, a favor das regras e com medo do castigo.

Mas o mais importante desse sistema é o fato de que as pessoas têm a sensação de que estão sendo vigiadas. É o olhar onipresente, como nas placas “sorria, você está sendo filmado”. Todo o ato de quem sente o olhar são guiados por essa sensação.

A partir daí, podemos lançar um olhar sobre o século XXI. Traçando um comparativo, nós também estamos inseridos em espaços diversos e seguimos regras. Além disso, também não podemos dizer que somos mais livres do que aqueles corpos que foram docilizados no século XVIII. Nós também estamos sujeitados. Porém, quem nos vigia não é mais um guarda ou um poder que o é por alguma escala hierárquica.

(...) as câmeras de vigilância em ruas, metrô, parques públicos, entre outros, são dirigidas a todos e qualquer um, cumprindo uma função prioritariamente



dissuasiva e “preventiva”. Os indivíduos aí não têm uma identidade individual nem coletiva que justifique a vigilância, sendo o caso de transitarem num mesmo espaço inspecionado o único fato que os une. Somos todos igualmente vítimas e suspeitos potenciais, assim como a consciência da vigilância simultaneamente segurança e ameaça. (BRUNO, 2008)

Hoje, nos intimidamos pela quantidade de dados e pela facilidade da comunicação. Estamos em evidência. Assim, procuramos sempre dar o melhor de nós mesmos, pois todos estão vendo, todos assistem a nós. “O que nós desejamos e o que nós fazemos é aquilo que a sociedade espera de nós” (SOARES, S/N). O nosso panóptico é a sociedade, inserida em uma rede, participante da mídia.

Em sua obra “Vigiar e punir”, Michael Foucault descreve como a sociedade foi se modificando e se transformando em uma *sociedade disciplinar*. A partir da segunda metade do século XVIII, aconteceu um processo que buscava *docilizar* os corpos, ou seja, domesticar os indivíduos para que eles seguissem as regras de determinados espaços – a escola, a prisão, a fábrica - com o mínimo de falhas possível. Dessa forma, foram desenvolvidas técnicas de disciplina que passavam por todos os ambientes nos quais os seres viviam ou trabalhavam.

Hoje, podemos dizer que vivemos em uma sociedade do controle. A prática do uso de dispositivos eletrônicos nos sujeitou, estamos presos a uma imensidão de imagens que são criadas todos os dias. Podemos enxergar a inversão de papéis. A platéia não só mais observa como é observada, subjugando pelo olhar.

O que mais nos ameaça e intimida nesses tempos pós-modernos é ser *out*, estar *off* e, pior ainda, sair mal na fita e acabar pagando mico no Youtube, nas vídeocacetadas, nos sites pornográficos, nos orkutés e MSNs alheios ou em qualquer outra telinha ou telão da vida, sempre expostos à impiedosa avaliação dos outros, agora transformados em nossos públicos e, ao mesmo tempo, em nossos gestores. (SOARES, 2010).

O processo de produção da subjetividade-prisão nunca esteve restrita ao espaço da prisão e nem mesmo à forma arquitetônica panóptica. “O panóptico foi, desde sempre, uma matriz conceitual, um diagrama, uma maneira de dizer: continuamos ainda em prisão na fábrica, na escola e na família” (PARENTE, 2004, P. 97). O panóptico, assim, passa a ser introjetado, instalados nos corpos como um programa. A passagem de uma sociedade disciplinar para uma de controle, segundo André Parente, é que nessa o controle se dá sobre os fluxos e os movimentos e em interação em rede.



REFERÊNCIAS

BARRETO, João. **O homem que virou fluxo: aparelhos celulares e neo-realismo digital**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **Telemorfose**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

BRUNO, Fernanda. **Estética do flagrante: Controle e prazer nos dispositivos de vigilância contemporâneos**. In: Cultura e Pensamento, Revista Cinética. Rio de Janeiro, 2006. http://www.revistacinetica.com.br/cep/fernanda_bruno.htm

_____. **Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplo digitais e identidades simuladas**. In: revista Fronteiras – estudos midiáticos, v. VIII, n. 2, pp. 152-159.

FERREIRA, Flávia Turino. **Rizoma: um método para as redes?** Liinc em Revista, pp. 28-40, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JOHNSON, Steve. **A cultura da interface**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KORSMEYER, Carolyn. **Ver, crer, tocar e a verdade**. In: Matriz – bem-vindo ao deserto do real. IRWIN, William (org.). São Paulo: Madras, 2005.

LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1994.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Volume I, primeiro livro. Tradução: Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 151.

PARENTE, André. **Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade**. IN: Tramas da Rede. PARENTE, André (Org.). Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **O virtual e o hipertextual**. Rio de Janeiro: Pazzulin, 1999.

SOARES, Conceição. **Redes: conhecimento e vigilância**. Texto não publicado. S/N